

5 Conclusão

Este trabalho orientou-se para o estudo dos pronomes de tratamento *o senhor/a senhora* e *você*, utilizados como segunda pessoa no português do Brasil. Como mencionado na Introdução, escolher o tratamento adequado a cada pessoa com a qual interagimos não é tarefa simples, pois requer perceber as sutilezas que o processo envolve. Não apenas fatores como sexo, faixa etária e hierarquia determinam a escolha por um ou outro pronome, mas um sistema complexo que envolve a questão da proximidade/distanciamento, a questão da informalidade/formalidade e os objetivos dos interactantes em determinado momento, ou seja, é preciso analisar o contexto e as relações existentes entre os interactantes para que seja possível entender como se realiza este processo.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi apresentar e descrever o uso dos pronomes de tratamento *o senhor/a senhora* e *você* no português brasileiro em diferentes situações do dia a dia. Para tal, entrevistamos trinta pessoas de diferentes idades, quinze homens e quinze mulheres, todas falantes nativas do português brasileiro, na cidade do Rio de Janeiro.

Como observamos, o uso dos pronomes *o senhor/a senhora* e *você* no português brasileiro está ligado aos diversos tipos de relações interpessoais características de nossa sociedade e cultura, baseadas na diversidade de papéis sociais existentes e, em certo grau, na estratificação social.

De modo geral, a escolha dos pronomes de tratamento depende dos costumes familiares, do grau de proximidade/intimidade existente entre os interactantes, da distância etária entre estes, da formalidade ou informalidade da situação, da questão da deferência, do fato de conhecer ou não conhecer o ouvinte, da autorização do ouvinte que se encontra em posição superior e daquilo que o falante acredita ser o politicamente correto. Obviamente, a prevalência de um ou outro fator depende dos papéis sociais exercidos pelos interactantes e é determinada individualmente, pois depende dos objetivos que pretendem ser alcançados em determinado momento. A escolha do pronome é também influenciada pela presença ou ausência de outros participantes e por aspectos psicológicos, comportamentais e emocionais dos interactantes.

Em relação ao pronome *o senhor/a senhora*, observamos que seu emprego é favorecido, principalmente, pela existência de considerável distância etária entre os interactantes. Nos casos em que o falante não conhece seu interlocutor, a distância etária existente entre eles é crucial para o emprego de *o senhor/a senhora*, mesmo quando não há hierarquia ou a situação pode ser caracterizada como informal. Pode ser também utilizado, mesmo que não haja distância etária entre os interactantes, em situações de grande formalidade, de inferior para superior em situações onde haja uma hierarquia marcada e como tratamento destinado a pessoas desconhecidas que exerçam o papel de uma autoridade ou pessoas conhecidas, mesmo que íntimas, que estejam exercendo o papel de uma autoridade.

Em todas as situações mencionadas no parágrafo anterior, *o senhor/a senhora* é um tratamento indicativo de respeito e que busca agradar ao ouvinte. Entretanto, seu emprego pode também denotar ironia quando, por exemplo, uma pergunta como “*O senhor/A senhora quer mais alguma coisa?*” é destinada a um filho ou ao cônjuge. Ao ser empregado por pais em relação a seus filhos, tem como objetivo repreendê-los, enfatizar uma ordem e, quando estes já são jovens adultos independentes, indicar que não aprovam ou que estão preocupados com certa atitude dos filhos. Uma outra situação em que *o senhor/a senhora* não é utilizado como tratamento respeitoso é aquela em que o ouvinte o entende como uma maneira de chamá-lo de velho, ou seja, o tratamento *o senhor/a senhora* torna-se ofensivo. Uma vez que a velhice tornou-se algo marcado negativamente em nossa sociedade, evitando-se até mesmo proferir esta palavra, mesmo que a intenção do falante não tenha sido provocar um mal-estar, utilizar *o senhor/a senhora*, principalmente *a senhora*, com alguém que tenha extrema preocupação com a aparência física é algo que certamente irá comprometer a face dos interactantes.

Uma última observação que deve ser feita a respeito de *o senhor/a senhora* é a de que seu emprego não indica a intenção de agradar ao ouvinte quando este se encontra numa posição inferior em relação ao falante, mas a exigência do falante que seja este o tratamento empregado pelo ouvinte, enfatizando-se a distância social existente entre eles.

Quanto ao pronome *você*, verificamos que seu emprego é favorecido, principalmente, pela inexistência de distância etária entre os interactantes, sejam eles conhecidos ou estranhos. Entretanto, pode ser também utilizado, mesmo que haja distância etária entre os interactantes, em situações de grande informalidade, quando a relação se caracteriza por certa intimidade, de inferior para superior quando o superior explicita seu desejo de ser tratado como *você*, dando ao primeiro sua autorização para tal, como tratamento entre iguais e de superior para inferior, havendo ou não reciprocidade de tratamento.

Assim como o pronome *o senhor/a senhora*, o pronome *você* pode ser ofensivo, dependendo da situação e dos papéis sociais exercidos pelos interactantes. Por exemplo, um falante pode, propositalmente, utilizar *você* para mostrar ao ouvinte que não o considera merecedor de deferência e/ou o despreza. Contrariamente, ou seja, de modo não intencional, um falante pode ofender uma pessoa mais velha e conservadora ao utilizar *você*, ainda que sua preocupação tenha sido não utilizar *o senhor/a senhora* para não ofender. Neste caso, houve provavelmente uma falha de perceptividade.

Quanto à possibilidade de negociação do tratamento, verificamos que já no primeiro contato ou nos primeiros contatos são estabelecidas relações entre os interactantes que permitem negociar o tratamento de imediato ou em momento posterior. Quando há distância etária ou formalidade, os interactantes utilizam inicialmente *o senhor/a senhora*, pois é este o pronome que transmite a idéia de polidez segundo nossas convenções sócio-culturais, podendo substituí-lo por *você* quando a relação já está mais próxima ou o ouvinte indica não haver necessidade do emprego de *o senhor/a senhora*. Na verdade, a negociação do tratamento depende das convicções e características individuais dos interactantes, do espaço físico, dos objetivos de cada interação e, principalmente, da autorização do ouvinte quando este está numa posição superior à do falante, optando os interactantes pela negociação ou não.

Com este levantamento, foi possível verificar a complexidade que envolve empregar adequadamente os pronomes *o senhor/a senhora* e *você* no Brasil. A análise de dados também comprovou as hipóteses explicitadas no capítulo 1. De fato, apesar de muitas de nossas relações interpessoais serem marcadas pela estratificação social, pela hierarquia e pela deferência (alguns de nossos informantes mostraram claramente situações nas quais a distância social se impõe

através do emprego do pronome *o senhor/a senhora*), constatamos que, de um modo geral, há uma tendência a minimizar poder e distância. Nos casos em que se observa essa minimização, os interactantes passam a estabelecer relações baseadas na proximidade e na informalidade.

Como o pronome *você* está intimamente ligado a intimidade, a familiaridade, a amizade, a jovialidade e a informalidade, devido ao que tudo isto representa em nossa cultura, observou-se um maior número de ocorrências referentes ao emprego deste pronome que ao de *o senhor/a senhora*.

Por fim, vale ressaltar que, em nenhum momento, tivemos a pretensão de resolver os problemas relativos às abordagens feitas por materiais didáticos de português para estrangeiros e à complexidade do processo de ensino/aprendizagem do assunto. O que esperamos através deste estudo é ter conseguido contribuir com algumas informações sobre os fatores sócio-culturais que interferem na escolha dos pronomes analisados e sobre contextos que favorecem o uso de um ou outro pronome, ou até mesmo de ambos. Esperamos também ter demonstrado que uma nova descrição dos pronomes e das formas de tratamento usados no português brasileiro, não só *o senhor/a senhora* e *você*, é necessária, mas não sob uma perspectiva puramente linguística, e sim sob uma perspectiva sócio-cultural.